

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

CENTRALIDADE DA PERIFERIA NO PENSAMENTO POLÍTICO DE MILTON SANTOS (1964-1977)

Maurício Costa de Carvalho

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6938>

Submetido em: 2023-09-18

Postado em: 2023-09-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

CENTRALIDADE DA PERIFERIA NO PENSAMENTO POLÍTICO DE MILTON SANTOS (1964-1977)

MAURÍCIO COSTA DE CARVALHO
<https://orcid.org/0009-0008-0984-9314>
<mauriciocostacarvalho@gmail.com>

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo (SP),

RESUMO: Esta investigação aborda a ideia de centralidade da periferia como contribuição fundamental do pensamento político do geógrafo e intelectual negro brasileiro Milton Santos. Embora estudos acerca das formações periféricas tenham sido constantes ao longo de sua trajetória, tal ideia de centralidade da periferia - entendida como possibilidade de uma "globalização de baixo para cima" - aparece mais destacadamente apenas no livro "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal" (2000), publicado próximo ao final da vida do autor (2001), podendo ser considerado um marco derradeiro de seu pensamento político. Neste trabalho, temos como objetivo apresentar um mapeamento panorâmico de elementos de gênese, continuidades e descontinuidades da ideia de centralidade da periferia no pensamento político de Santos, especialmente em sua produção sobre urbanização no Terceiro Mundo realizada entre 1964 e 1977, seu período de exílio. Partimos da hipótese de que esta proposta de subversão da lógica entre centro e periferia contida na ideia de centralidade da periferia teve seu alicerce construído a partir de seus estudos sobre urbanização do Terceiro Mundo, ainda no exílio. Parte fundamental deste trabalho está sendo empreendida por meio do método de análise documental de arquivos que compõem o Fundo Milton Santos sediado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Palavras-chave: Milton Santos, urbanismo, pensamento brasileiro, periferia, globalização

CENTRALITY OF THE PERIPHERY IN THE POLITICAL THOUGHT OF MILTON SANTOS (1964-1977)

ABSTRACT: This investigation approaches the idea of centrality of the periphery as a fundamental contribution of the political thought of the Brazilian geographer and black intellectual Milton Santos. Although studies about peripheral formations have been constant throughout his trajectory, this idea of centrality of the periphery - understood as the possibility of a "bottom-up globalization" - appears more prominently only in the book "Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal" (2000), published near the end of the author's life (2001), and can be considered a final milestone of his political thought. In this work, we aim to present a panoramic mapping of elements of genesis, continuities and discontinuities of the idea of centrality of the periphery in Santos' political thought, especially in his production on urbanization in the Third World carried out between 1964 and 1977, his period of exile. We start from the hypothesis that this proposal to subvert the logic between center and periphery contained in the idea of centrality of the periphery had its foundation built from his studies on urbanization in the Third World, while still in exile. A fundamental part of this work is being undertaken through the method of document analysis of files that make up the Milton Santos Fund based at the Institute of Brazilian Studies of the University of São Paulo.

Keywords: Milton Santos, urbanism, Brazilian thought, periphery, globalization

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma investigação sobre o pensamento político do geógrafo negro brasileiro Milton Santos, falecido em 2001. Tomamos como fio condutor sua ideia de centralidade da periferia como sua contribuição distintiva para o pensamento político brasileiro.

Nascido em 1926, em Brotas de Macaúbas, interior da Bahia, Milton Almeida dos Santos foi um destacado intelectual negro cujo legado é composto por papel destacado na história do pensamento brasileiro, promovendo um intenso diálogo entre seu campo disciplinar, a Geografia, outras ciências sociais e também com a Física e a Filosofia. As ideias políticas presentes em sua geografia - marcada pelos seus estudos da urbanização, do subdesenvolvimento, da globalização e do território brasileiro - ainda são um campo amplo a ser explorado pelas pesquisas universitárias.

Ainda que estudos abordando as periferias tenham sido constantes ao longo da trajetória de Milton Santos - especialmente aqueles dedicados à urbanização no Terceiro Mundo – a proposta de *centralidade da periferia* aparece de maneira mais destacada apenas no livro de Santos *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (SANTOS, 2000), sendo um tópico fundamental de seu último capítulo, denominado *Transição em Marcha*. Esta parte do escrito funciona como uma espécie de conclusão, onde os temas apresentados abordam, segundo o autor, "manifestações pouco estudadas do *país de baixo*, desde a cultura até a política, raciocínio que se aplica também à própria periferia do sistema capitalista mundial, cuja centralidade apresentamos como um *novo fator dinâmico da história*" (p. 15)¹. *Por uma outra globalização* foi publicado pela primeira vez em 2000, próximo ao final da vida do autor. Por suas características distintas² do conjunto da obra de Santos, especialmente no que se refere à linguagem, pode ser entendido como uma espécie de testamento político ou a consolidação do que o próprio geógrafo considera, em entrevista concedida no ano de lançamento daquela

¹ Grifos nossos.

² Sobre *Por uma outra globalização*, Santos alerta, logo no prefácio: "Diferentemente de outros livros nossos, o leitor não encontrará aqui listagens copiosas de citações. Tais livros enfocavam questões da sociedade, verdadeiras teses, isto é, demonstrações sustentadas e ambiciosas, dirigidas sobretudo à seara acadêmica, levando, por isso, o autor a fazer, ao pequeno mundo dos colegas, a concessão das bibliografias copiosas. Todo mundo sabe que esta se tornou quase uma obrigação de *scholarship*, já que a academia gosta muito de citações, quantas vezes ociosas e até mesmo ridículas. Sem dúvida, este livro também se dirige a estudiosos, mas sobretudo deseja alcançar o vasto mundo, o que dispensa a obrigação cerimonial das referências. Não quer isso dizer que o autor imagine haver sozinho redescoberto a roda; sua experiência em diferentes momentos do século e em diversos países e continentes é também a experiência dos outros a quem leu ou escutou. Mas a originalidade é a interpretação ou a ênfase própria, a forma individual de combinar o que existe e o que é vislumbrado: a própria definição do que constitui uma idéia." (2000, p.11)

publicação, uma *ruptura* que já estava em curso em sua trajetória. Refletindo sobre seu profundo percurso acadêmico, Santos chegaria à conclusão de que a atividade acadêmica deveria ser "o intróito indispensável à produção do discurso político", tendo que se tornar "algo que se refira à realidade, mas que também possa ser trabalhada por outros, contribuir para a elaboração de um discurso político" (SANTOS et al., 2001, p. 111).

Juntos, *Por uma outra globalização* e *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*, - livro publicado em 2001 no qual, em parceria com Maria Laura Silveira, Milton Santos buscava traduzir suas elaborações em uma interpretação geográfica do Brasil periférico da globalização - representam os esforços do autor para construir sínteses de uma longa trajetória de sua obra cuja indissociabilidade entre a ação política e o conteúdo de sua produção acadêmica nos parece evidente, ainda que ele próprio sublinhe a ideia de que nem sempre a mobilização de sua elaboração acadêmica no sentido da intervenção política tenha tido a intensidade da fase final de sua produção (Cf. SANTOS, et. al., 2001, p. 111-116). De todo modo, especialmente a partir de seu exílio em 1964, sua produção acadêmica dialoga intensamente com os debates políticos das décadas de 1960 e 1970, sobretudo a respeito do subdesenvolvimento. Investigando a urbanização nos países de Terceiro Mundo, pôs em relevo a necessidade de se pensar as relações de dependência e marginalidade por meio da geografia e do espaço e, a partir dessa chave, construiu sua posição no pensamento político brasileiro.

Partimos da hipótese de que a ideia de *centralidade da periferia*, apresentada apenas em 2000, expressa uma subversão da lógica entre centro e periferia que é o núcleo central de sua abordagem sobre a globalização mas que também teve como alicerce justamente a defesa desta posição que se construiu, ainda no período de exílio, principalmente por meio de seus estudos sobre a urbanização no Terceiro Mundo, como alternativa aos "dualismos" e às teorias da dependência e do subdesenvolvimento que tinham grande destaque no pensamento crítico da época. Sendo assim, abordando a problemática da dependência e do subdesenvolvimento, nosso objetivo é mapear elementos de gênese, continuidades e discontinuidades desta ideia no pensamento político do autor, especialmente em sua produção sobre urbanização no Terceiro Mundo realizada entre 1964 e 1977, seu período de exílio.

Esta nossa investigação insere-se em um amplo campo de pesquisa sobre Milton Santos onde, ainda com um predomínio evidente de trabalhos no campo disciplinar da Geografia, há um debate fértil e permanente nas mais diversas áreas do conhecimento, em múltiplas nacionalidades. Isso nos permite, não obstante a intensa produção do próprio autor, nos apoiar também em uma bibliografia

diversa e rica de comentadores de tal modo que esta pesquisa é parte também do estudo da contribuição de Milton Santos como um intérprete do pensamento político brasileiro e da globalização. Em outro sentido, entendemos que os assuntos tratados aqui podem contribuir para os fundamentais e cada vez mais volumosos esforços de se elaborar a respeito do pensamento negro *do e no* Brasil, enfrentando a posição de segundo plano analítico e invisibilidade à qual frequentemente muitos intelectuais negros e, não raro, Milton Santos, têm sido relegados. Reconstruir a memória política de um intelectual como Santos é também um gesto político e afirmação da memória da negritude, dos subalternos, e da periferia.

Parte fundamental deste trabalho está sendo empreendida por meio de análise documental de arquivos que compõem o Fundo Milton Santos do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Organizamos a nossa pesquisa em duas etapas. A primeira começou na identificação do corpo bibliográfico de base relacionado ao tema da centralidade da periferia na obra de Milton Santos partindo da periodização estabelecida (1964-1977). Este mapeamento inicial está associado à organização de um inventário da produção do autor do período e, a partir da interrogação daquela literatura, abrir a discussão sobre a viabilidade da hipótese de pesquisa. Feita a seleção, leitura e análise das publicações daquele período, a segunda etapa consiste na identificação, no acervo do IEB, dos documentos produzidos e utilizados pelo autor no período, realizando sua seleção, codificação e análise. É relevante registrar que há um importante trabalho de prospecção a fazer nos documentos e materiais que compõem acervo, formado principalmente pela biblioteca pessoal de Milton Santos, alguns materiais tridimensionais e os documentos presentes no Fundo, estimado pelo IEB em 60 mil itens, sendo o maior arquivo depositado no instituto. Além do volume notável é um arquivo bastante complexo também por sua diversidade, tendo uma parte considerável do material ainda não processado. Infere-se que o período de Milton Santos no exílio é justamente aquele para o qual há o menor número de registros em seu arquivo pessoal, se comparado aos demais. Possivelmente por conta do "périple" enfrentado pelo geógrafo buscando estabelecer uma rede de cooperação envolvendo a grande diversidade de países onde residiu, trabalhos temporários e, muitas vezes, mudanças não planejadas (PEDROSA, 2018, p. 434). Contudo, há também expressivos registros de cartas, manuscritos, notas de leitura, recortes de jornal e notas de pesquisas de campo (Cf. GRIMM, 2011a, 2011b; PEDROSA, 2018) daquele período que têm grande valor para a nossa pesquisa. Buscando "etnografar os documentos" (Cf. SORÁ, 2015) pretendemos evidenciar, para além dos debates teóricos, o problema de pesquisa presente na identificação de suas redes de cooperação

intelectual, buscando também compreender como a dinâmica centro-periferia foi experimentada por Santos na sua relação com interlocutores.

No espaço deste artigo dividimos nossa apresentação em três apontamentos. Em primeiro lugar, um panorama sobre a ideia de centralidade da periferia na obra de Milton Santos em diálogo com o debate sobre o *devir* da Globalização. Em um segundo momento abordamos os pontos nevrálgicos dos estudos do geógrafo sobre a urbanização no Terceiro Mundo, buscando conectar sua teoria sobre *os dois circuitos da economia urbana* à sua visão sobre as formações periféricas como *totalidade em movimento*. Neste caminho apresentamos um terceiro e último ponto discutindo a elaboração da categoria *formação socioespacial*, marco importante do aprofundamento de seus debates com a economia política e desdobramento de suas pesquisas teóricas e empíricas em países da periferia capitalista.

1. O DEVIR DE UMA *OUTRA GLOBALIZAÇÃO*: A CENTRALIDADE DA PERIFERIA

Centralidade da periferia é o título de uma seção do sexto e último capítulo do livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (SANTOS, 2000). Chamado *Transição em Marcha*, tal capítulo tem um caráter prospectivo que o diferencia dos demais do livro. Nele Milton Santos explora as perspectivas de uma *outra globalização*, diferente da que trabalhava nos capítulos e múltiplas produções anteriores³, nas quais buscava desvendar a realidade do momento que se apresentava como um verdadeiro paradigma daquele início de século. Para o geógrafo, as próprias contradições do processo de globalização permitiriam uma transição que, como alerta no início do capítulo, ainda não seria possível ser verificada, dado que as sementes de gestação do novo "começam a se impor quando ainda o velho é qualitativamente dominante", de maneira "quase imperceptível aos contemporâneos" (Ibid, p. 143). Santos se coloca no lugar de desbravar o que virtualmente quase não poderia ser percebido, tentando sugerir tendências a partir do que considerava também um novo período crítico. Tais tendências, emergentes das fissuras daquele período, apontavam, segundo o autor, para um um

³ Entre outras produções que abordam a globalização ou suas origens na obra de Milton Santos, podemos destacar: *Por uma geografia nova* (1978), *A Geografia e a nova dimensão do planeta* (1984), *Nuevo orden internacional y reorganización espacial* ([1986]1988), *O período técnico-científico e os estudos geográficos* ([1985] 1990), *Flexibilidade tropical* (1991), *A aceleração contemporânea: tempo, mundo e espaço mundo* ([1992] 1993), *Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional* (1994), *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção* (1996), *Por uma epistemologia cidadã: por uma epistemologia da existência* (1996), *Da política dos Estados à política das empresas* (1997).

novo período histórico. Descrevendo as bases do que chamou de *período demográfico ou popular*, Milton Santos buscava apontar que estavam presentes os germes de uma virada histórica.

Entre as condições empíricas para essa mudança estariam as que já configuravam um mundo prenhe de migrações políticas ou econômicas, as tendências ao aumento das grandes aglomerações populacionais e da urbanização concentrada e a ampliação das relações intercontinentais e intranacionais dos povos. Tais fatores combinados impulsionaram em Santos a suposição de que aquele processo de início de século que se iniciara ainda em meados do século XX, levaria a "uma verdadeira colorização do Norte, à 'informalização' de parte de sua economia e de suas relações sociais e à generalização de certo esquema dual presente nos países subdesenvolvidos do Sul e agora ainda mais evidente" (Ibid, p. 146). Naquele contexto se reforçariam elementos duais (mas não dualistas, como ressalta) na sociedade, na economia urbana, na divisão do trabalho e de acumulação onde as formas edificadas "por cima" ou "por baixo" seriam distintas mas estariam associadas.

A divisão do trabalho por cima é um campo de maior velocidade. Nela, a rigidez das normas econômicas (privadas e públicas) impede a política. Por baixo há maior dinamismo intrínseco, maior movimento espontâneo, mais encontros gratuitos, maior complexidade, mais riqueza (a riqueza e o movimento dos homens lentos), mais combinações. Produz-se uma nova *centralidade do social*, segundo a fórmula sugerida por Ana Clara Torres Ribeiro, o que constitui, também, uma nova base para a afirmação do reino da política (Ibid, p. 146, 147, grifo nosso).

Partindo da análise que marca o conjunto de sua obra sobre a inseparabilidade entre o estado das técnicas e o estado da política como determinantes para entender o processo histórico, Santos elabora a ideia de que a globalização atual não seria irreversível - como teses apresentadas naquele contexto poderiam sugerir - justamente pela possibilidade dada pelas próprias condições técnicas, suas condições críticas e a nova consciência deste período de "ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista" (Ibid, p. 23) - de emergência de um *período popular* onde a *centralidade do social* fosse produzida, bem como uma nova política. As brutais distorções provocadas pelo que chama de "prevalência do dinheiro em estado puro como motor primeiro e último das ações" (Ibid, p. 147) na globalização, seriam baseadas justamente em considerar o elemento humano como residual, tal qual o seriam também a solidariedade social, o território e o Estado-nação. Pensando justamente na agência dos pobres ou dos "de baixo" na globalização, Santos infere que esse "abandono" seria o motor da superação da atual paisagem social, conduzindo não só a novas relações internas nos países mas

também a novas relações internacionais, tendo como norte para o comportamento dos estados não mais a pressão por serem potências e sim as grandes possibilidades dos mercados internos.

Tendo o elemento espacial no centro de sua análise, para Santos a ideia de irreversibilidade da globalização propagada como "fábula" naqueles anos de força do neoliberalismo, de discursos de fim da história e de consensos capitalistas teria também, fundamentalmente, a ver com a perspectiva dos países centrais - chamados por ele à época de "tríade" composta por Europa, EUA e Japão - de que a história sempre seria feita de acordo com seus interesses, isto é, a ideia de "aldeia global" trataria-se de uma imposição de cima para baixo e não se sustentaria. Em diálogo com a perspectiva debatida por Samuel Pinheiro Guimarães (1999) sobre o terceiro-mundismo das décadas de 1950-60, graças às contradições da globalização alicerçadas nas condições de carência e ingovernabilidade internas de cada país e desvendadas de maneira desigual pelos países subdesenvolvidos, ressurgiria uma "tercermundização" que, por sua vez, levaria também a uma revisão dos pactos internacionais e a reações cada vez mais profundas às situações provocadas pela nova dependência e pelo novo imperialismo (SANTOS, 2000, p.152). A periferia do sistema internacional de estados seria assim o centro de uma "globalização constituída de baixo para cima, em que a busca de classificação entre potências deixe de ser uma meta, poderá permitir que as preocupações de ordem social, cultural e moral possam prevalecer" (Ibid).

O processo prévio de desenvolvimento da sociedade urbana no conjunto do planeta mas, em destaque nos países periféricos seria a condição para que esse mundo de possibilidades pudesse estar posto em meio às contradições que se gestavam nas entranhas da globalização perversa.

2. ESTUDOS SOBRE A URBANIZAÇÃO NO TERCEIRO MUNDO

A intensa movimentação geográfica que experimentou em seu exílio⁴ foi também acompanhada de uma profunda produção teórica na qual já estavam nítidos dois objetivos perseguidos por Milton Santos posteriormente em toda sua obra. Em primeiro lugar a busca de uma teoria geral

⁴ Neste período esteve na França, lecionando primeiramente na Universidade de Toulouse (1964 a 1967), posteriormente na Universidade de Bordeaux (1967 e 1968) e finalmente em Paris, tanto na Sorbonne quanto no Institut d'Études du Développement Économique et Social (IEDES, de 1968 a 1971). Depois foi aos Estados Unidos, onde foi professor no Massachusetts Institute of Technology (de 1971 e 1972). Lecionou na University of Toronto, no Canadá, entre 1972 e 1973, na Universidad Nacional de Ingeniería de Lima, no Peru, em 1973, na Facultad de Ciencias Económicas y Sociales e no Centro de Estudios del Desarrollo da Universidad Central de Venezuela, em 1974 e na University of Dar es Salaam, de 1974 a 1976. Regressou aos Estados Unidos para trabalhar na Columbia University, de 1976 a 1977, ano em que voltou ao Brasil.

que renovasse a geografia partindo da compreensão das especificidades do subdesenvolvimento. Em segundo lugar, a inserção com centralidade do conceito de espaço no pensamento político e social, especialmente o brasileiro. O fio condutor pelo qual essas duas perspectivas se amalgamaram foram os estudos sobre urbanização. Acompanhava, assim, o que vinha se discutindo especialmente a partir das elaborações de Henri Lefebvre no final da década de 1960, isto é, que a constituição da sociedade urbana traria elementos explicativos mais complexos do que aqueles apoiados na ideia da urbanização como decorrência do processo de industrialização como parecia ser a regra nos países centrais. Para Santos, tais elementos revelariam-se com muita evidência a partir da análise do urbano nos países subdesenvolvidos.

No início desta trajetória fora do Brasil o geógrafo baiano teve a oportunidade de estreitar laços e aprofundar estudos que já vinha desenvolvendo com seus interlocutores franceses, a começar pelo seu orientador de doutorado, Jean Tricart, a quem Milton Santos reputa seu contato com o marxismo. Além dele, a experiência francesa também o colocou em contato com Bernard Kayser, Etienne Juillard, Yves Lacoste, Michel Rochefort, Pierre George, Pierre Mombeig, Jacqueline Beaujeu-Garnier, muitos dos quais também seriam expoentes do movimento que viria a se conhecido como "geografia crítica". No Institut d'Études du Développement Économique et Social (IEDES), dirigido por François Perroux, firmou-se como referência nos estudos do Terceiro Mundo, dando aula para alunos franceses e também do mundo subdesenvolvido, o que o permitiu ter interlocução com pesquisadores da África, da Ásia e da América Latina. Nesse período afirma-se como um "terceiro-mundista" (SANTOS et al. 2001, p. 94).

Vivendo na França insurrecional da década de 1960 e 1970, o geógrafo brasileiro pôde experimentar um afastamento sistemático da influência do empirismo presente na chamada Geografia Regional francesa que marcara suas publicações anteriores. Tal distanciamento se deu sobretudo a partir de seus estudos sobre a técnica e o tempo implicados nas *modernizações* e do aprofundamento de seu contato com a economia política e o marxismo, mas também com o existencialismo e o estruturalismo. Escrito em Paris em 1968 mas publicado apenas em 1971 na França, *Le métier du géographe en pays sous-développés* lança mão da crítica à geografia tradicional francesa ao passo que estabelece as bases teóricas para a apreensão do espaço como conceito central em sua obra. O geógrafo brasileiro dedicava-se a pensar esta reformulação da disciplina buscando categorias analíticas que superassem a prática usual de transposições de teorias e conceitos voltados a explicar os processos nos países centrais, em especial aquelas que mobilizavam o histórico das formações sociais de

industrialização avançada para explicar os distintos processos de urbanização nos países periféricos. *Le métier du géographe en pays sous-développés* funcionaria como importante desdobramento das pesquisas que haviam sido publicadas em *A cidade nos países subdesenvolvidos*, em 1965, onde o autor analisou com minúcia fatores de diferenciação de grandes cidades de países periféricos.

Em um contexto marcado pelos debates sobre desenvolvimento, imperialismo, dependência e marginalidade, Milton Santos foi parte de um intenso diálogo com postulados de diversos interlocutores nas ciências sociais. A partir da rejeição da visão bastante em voga à época de que a modernização industrial seria o destino inexorável de todas as formações sociais - ainda que houvesse desigualdade no desenvolvimento delas -, isto é, a partir da rejeição da lógica dualista em que o subdesenvolvimento seria uma etapa para o desenvolvimento justificada pela existência de um padrão intermediário de países "em desenvolvimento", Santos acompanhava uma parte importante da intelectualidade brasileira crítica à "razão dualista" (Cf. OLIVEIRA, 2003 [1975]). Para ele, as oposições nas quais acreditavam os dualistas entre desenvolvido/não desenvolvido, eficiência/ineficiência, racionalidade/irracionalidade, modernidade/arcaísmo, teriam um caráter etnocêntrico óbvio.

quando se referem a países subdesenvolvidos, os dualistas crêem (sic) numa oposição entre o setor desenvolvido e o não desenvolvido, um contraste entre um todo coerente de ações eficientes e racionais e um conjunto inarticulado de ações arcaicas, irracionais e ineficientes. (...) O caráter ideológico e etnocêntrico da distinção é óbvio. A noção de racionalidade que se procura aplicar como gabarito às sociedades pré-industriais é um caso típico de arrogância cultural na opinião de Wilkinson (1973, p. 198) (...) Realmente, conforme realçou Godelier (1967, p. 298), não existe apenas *uma* racionalidade econômica, mas *diversas* (SANTOS, 2013 [1978], p. 65-66).

O geógrafo coincide, portanto, com autores vinculados à *Teoria da Dependência* como Cardoso e Faletto quando estes afirmavam que o modelo dualista estrutural representava a elaboração de tipologias, modelos ideais para as formações sociais, implicando que “as pautas dos sistemas político, social e econômico dos países da Europa ocidental e dos Estados Unidos antecipam o futuro das sociedades subdesenvolvidas” (CARDOSO; FALETTTO, 1970, p. 19). Por seu turno, tal qual Cardoso e Faletto ao tratar das formações sociais, mas com o viés nos processos de urbanização e da dinâmica da economia urbana, Santos caminharia para uma posição contrária àquela defendida por Cardoso que deslocaria a análise dos processos de dependência do campo das teorias marxistas do modo de

produção capitalista para uma teoria da dependência empirista, circunscrita à análise das realidades nacionais concretas (BIANCHI, 2010, p. 191). Desse ponto de vista, tinha também acordo com Ruy Mauro Marini, com quem teve a oportunidade de dialogar em uma conferência em Toronto, em 1972. Ao ser escolhido como comentador da palestra de Marini intitulada *Subimperialismo Brasileiro na América Latina*, Santos concorda com aspectos importantes da elaboração que ficou conhecida como "dialética da dependência" em particular no que se referia ao papel do Estado, mas também quanto a como a superexploração do trabalho viabilizaria as modernizações da economia por meio da industrialização voltada à exportação (MACHADO, 2017, p, 190). Em sua resposta, *Sub-imperialism as Viewed by a Geographer*, Santos enfrenta a visão dualista entre "países industrializados" *versus* "países subdesenvolvidos" desdobrando a ideia de países "subdesenvolvidos industrializados", que seriam aqueles marcados por uma industrialização dependente cuja apreensão do nível de dependência demandaria uma análise da complexidade e da importância de suas metrópoles, isto é, do elemento espacial urbano (Ibid, p. 189).

Ao buscar as especificidades da realidade das diversas formações sociais subdesenvolvidas, o geógrafo enxerga, a partir das desigualdades presentes na economia urbana, as contradições que poderiam levar à escala mundial a experiência extrema que teria sido vivida até então como elementos distintivos da periferia (SIMONI-SANTOS, 2017, p. 630). De acordo com Simoni-Santos, referenciado em Paulo Arantes, diferentemente das abordagens como as que foram expressas por Francisco de Oliveira e José de Souza Martins, onde a dialética entre arcaico e moderno, entre legal e ilegal, entre marginalidade e cidadania recorreram frequentemente às contradições do campo, tais desigualdades seriam “notadamente urbanas” e estariam “concentradas nos bairros deserdados das grandes cidades” (Ibid).

De minha parte, acredito que, da mesma maneira que tem sido refutada a existência de um dualismo nos países subdesenvolvidos, deve-se refutar o conceito de dualismo urbano na descrição, análise e interpretação do que ocorre na economia das cidades de países subdesenvolvidos (MCGEE, 1971). Porque assim como, no conjunto de um país, a oposição, mesmo o antagonismo, de situações de desenvolvimento é o produto de uma só e mesma articulação causal, a existência de dois sistemas de fluxo na economia das cidades é o resultado do mesmo grupo de fatores, que, para simplificar, denominaremos modernização tecnológica. (SANTOS, 1977a, p. 35, 36)

Fruto do acúmulo das investigações sistemáticas que ganharam corpo no período em que esteve na França - como em *Dix essais sur les villes des pays sous-développés* (1970) e *Les villes du Tiers Monde*

(1971) - a elaboração da tese da *teoria dos circuitos da economia urbana*, apresentada em *L'espace partagé*, publicado pela primeira vez em 1975, é um marco nas elaborações teóricas de Santos e uma resposta alternativa aos debates em voga sobre a dependência e o subdesenvolvimento. Segundo o próprio autor, aquela tese aparece como "um verdadeiro e novo paradigma da Geografia Urbana e do planejamento em países subdesenvolvidos" (SANTOS, 1977a, p. 38). A *teoria dos circuitos* baseia-se na ideia de que a economia urbana é formada por um circuito superior (que inclui uma vertente marginal) e um circuito inferior, que não podem ser vistos dissociadamente, mas que se distinguem fundamentalmente pelo uso da tecnologia e pela organização. Enquanto o circuito superior é marcado por uma "tecnologia capital intensivo" onde estariam "bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores" -, o circuito inferior apresenta uma tecnologia de "trabalho intensivo", sendo constituído "por formas de fabricação não- 'capital intensivo', pelos serviços não-modernos fornecidos 'a varejo' e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão" (SANTOS, 1977a, p. 38 e 39).

Em debate com os dualismos e mesmo com as teorias da dependência, a *teoria dos circuitos urbanos* procurava demonstrar também, de acordo com Leite e Trindade Júnior (2020, p. 50), que "as formas de trabalho usualmente classificadas como "marginais" são integrantes de um circuito econômico que não está apartado dos processos mais gerais de acumulação capitalista". Concordando com Marini, sugere que as modernizações decorrentes da industrialização para exportação - circuito superior - só se viabilizam porque a força de trabalho superexplorada recorre ao circuito inferior da economia urbana para a reprodução social, demonstrando que ambos os circuitos combinavam-se como desdobramentos das modernizações no mundo subdesenvolvido. Assim, rompendo com os dualismos e com uma visão economicista, Santos busca na sistematização teórica das especificidades das economias urbanas periféricas, uma resposta dialética e original ao período de transformação que se expressava a olhos vistos nos países centrais sobretudo diante da crise do fordismo e, conseqüentemente, de suas explicações.

No eixo dos estudos de Santos sobre a especificidade da urbanização periférica, estaria também a gênese da *centralidade da periferia* como *projeto político futuro*. Surgida da análise dos países de Terceiro Mundo, a teoria dos circuitos da economia urbana passaria, mais tarde, a instigar uma diversidade de estudos que incluíam tanto processos históricos da urbanização nos países centrais

quanto os que buscariam compreender, a partir dos processos periféricos, os caminhos de superação da urbanização excludente. Como assevera María Laura Silveira (2013, p. 69):

Mas essa desigualdade estrutural da cidade que, aliás, é o que permite continuar asseverando a existência de dois circuitos da economia urbana é também funcional porque, no presente, as divisões territoriais do trabalho são obrigadas a compartilhar o mesmo pedaço do território. A cidade é o reino da *práxis* compartilhada ou, em outras palavras, a manifestação mais visível do acontecer solidário, isto é, a realização compulsória de tarefas comuns mesmo que o projeto não seja comum (SANTOS, 1996). Poderíamos dizer que o espaço urbano é dividido mas, ao mesmo tempo, compartilhado. Nesse contexto contraditório de pobreza estrutural e novas possibilidades técnicas e políticas, poderíamos vislumbrar algumas formas de resistência espontâneas que, somadas às formas organizadas, podem apontar caminhos para o futuro.

3. PERIFERIAS E A CATEGORIA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL

As experiências prévias ao regresso ao Brasil, sobretudo as pesquisas em países periféricos nos quais poderia operacionalizar a teoria dos circuitos⁵, levaram Milton Santos a elaborar a respeito tanto das questões empíricas das formações sociais periféricas quanto da própria categoria formação social. Em fevereiro de 1977, ano de seu retorno, publica na revista *Antipode* o artigo *Society and Space: social formation as theory and method*⁶. Contrapondo Cardoso e Faletto que imaginavam ser possível aplicar o conceito de dependência às particularidades das formações sociais sem que essa explicação estivesse alicerçada nas categorias que constituem a teoria do modo de produção capitalista (BIANCHI, 2010, p. 191), Milton Santos encontrou no estudo sistemático da categoria formação social uma maneira de conectar os resultados das profundas pesquisas que desenvolveu na periferia a uma teoria mais geral⁷.

⁵ Entre vários trabalhos, é possível citar: *Los dos circuitos de la economía urbana de los países desarrollados* (1972), *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados* (1973), *Economic development and urbanization in underdeveloped countries: the two-flow systems of the urban economy and their spatial implications* (1973), *La urbanización dependiente en Venezuela* (1973), *Articulations of modes of productions and the two circuits of urban economy wholesalers in Lima, Peru* (1976), *Ensayo del explicación del crecimiento de Guadalajara* (1974), *The periphery in the pole, the case of Lima, Peru* (1975), *Os dois circuitos da economia em Dar-El-Salaam e na Tanzânia: realidades e perspectivas* (material inédito do fundo Milton Santos. Cf. Grimm, 2011, p. 120).

⁶ No mesmo ano foram publicadas versões traduzidas Cahiers Internationaux de Sociologie e, posteriormente, no Boletim Paulista de Geografia, em junho.

⁷ "Na Tanzânia, eu via o capitalismo entrando lentamente. Foi muito importante, para a elaboração teórica do território, descobrir que um país, com sua história e sua organização geográfica, pode ser ou não um obstáculo, refazendo a história da entrada do capitalismo e distinguindo as formações sociais desse ponto de vista. Talvez daí tenha vindo essa ideia, que desenvolvi depois, da formação socioespacial - sem o espaço não dá para entender a produção do capitalismo" (SANTOS et al. 2001, p. 109).

Partindo da retomada feita por Lênin - a quem Santos, apoiando-se em Bagaturia, confere a elevação da categoria Formação Econômico-Social (FES) a um lugar central no materialismo histórico (SANTOS, 1977b, p. 83) -, mas também apoiado em Emilio Sereni (1976), Florestan Fernandes (1975) e Amílcar Cabral (Cf. SANTOS, et al., 2001, p. 100), o geógrafo apresenta naquele artigo seminal uma aguda revisão desta categoria em debate com a teoria marxista, sublinhando seu papel como unidade e totalidade da vida em sociedade cuja análise permitiria perceber que o modo de produção seria apenas uma *possibilidade de realização* quando a FES seria a *possibilidade realizada*, a expressão objetiva da totalidade do modo de produção, isto é, definição sintética da natureza da diversidade e das especificidades das relações produtivas, econômicas e sociais de uma sociedade numa época determinada, indissociável do concreto.

Dado que, para Santos, "produzir é produzir espaço" (2002 [1978], p. 202), por se tratar da referência a diferentes formas técnicas e organizacionais do processo produtivo, a FES não pode ser concebida sem referência à noção de espaço e é justamente aí onde reside o elemento original e crítico do aporte do geógrafo ao pensamento teórico marxista sobre a FES. Partindo de um amplo arsenal de pesquisas empíricas que o impeliram a contestar a aplicação mecânica de determinantes teóricas baseadas na generalização do padrão de modernizações industriais, no dualismo, no economicismo, mesmo nas teorias críticas, às formações periféricas, o geógrafo também pôde perceber a indissociabilidade entre modo de produção, formação econômico-social e espaço, de modo que a não reunião até então, na categoria de formação social, das noções referentes às sociedades e espaço só poderia ser explicada por um "atraso teórico". E conclui: "De fato, é de *formações sócio-espaciais* que se trata" (SANTOS, 1977b, p. 93, grifo nosso).

Observando os movimentos de expansão do capital em fins da década de 1970, Milton Santos via a força dos objetos geográficos nos acelerados processos de transformações que se davam na sociedade capitalista. Retomando Hegel, para quem os objetos eram dotados de "conteúdo e finalidade" e que, portanto, carregam uma "forma de intencionalidade", Santos concluiu: "as coisas adquiriram um tipo de poder que nunca haviam possuído anteriormente" (SANTOS, 1979, p. 154).

Para ele, as formas apresentavam-se como poderosas ferramentas do capital para penetração nos países subdesenvolvidos em um momento onde, no Sistema Internacional de Estados, vivia-se resistências, polarizações e conflitos políticos de alta intensidade. Ação eficaz na promoção dos interesses capitalistas, a propagação dos "conteúdos" e "finalidades" capitalistas por meio das formas apoiava-se tanto no fato de que seus resultados não seriam imediatamente visíveis quanto na não

necessidade de se tocar a priori na estrutura socioeconômica dos países receptores. As formas seriam, portanto, o “Novo Cavalo de Tróia” capitalista (SANTOS, 1979, p. 154).

(...) a necessidade de expansão capitalista, comparável em agressividade à expansão do terceiro quartel do século XIX, quando o imperialismo apareceu como solução para as crises econômicas. Agora o volume de capital à procura de investimento é muito maior e o que está em jogo é mais importante econômica e politicamente (...) As formas se tornaram instrumentos ideais para promover a introdução do capital tecnológico estrangeiro numa economia subdesenvolvida e para ajudar o processo de superacumulação, cuja contrapartida é a superexploração. Aqueles países em que isto ocorre têm sua economia distorcida, suas tradições.

Apoiado em Gramsci para quem “é mais fácil falar acerca do conteúdo do que falar sobre as formas porque o conteúdo pode ser tratado logicamente” (*apud* SANTOS, 1979 [1977], p. 162), Milton Santos critica mais uma vez o empirismo na geografia onde se interpretaria a “coisa através da própria coisa”, interessando-se mais nas *formas* do que na *formação* (SANTOS, 1977b, p. 81). As formas espaciais, responsáveis diretas pela efetivação dos projetos políticos de uma sociedade, “atribuem ao conteúdo do novo provável, ainda abstrato, a possibilidade de tornar-se conteúdo novo e real” (Idem, p. 89). Daí que a análise das *formações socioespaciais* permitiriam, também, desvendando o “mistério das formas”, enxergar de maneira dialética as modernizações, o desenvolvimento, a mundialização do modo de produção capitalista *nas periferias* não apenas como uma parte subordinada ou derivada de uma espécie de desenvolvimento inelutável, mas também como a própria totalidade do modo produção, de suas contradições fundamentais, parte do que é *central* para seu desenvolvimento e, portanto, dotado de novas combinações possíveis onde seria possível a afirmação da política, um *novo fator dinâmico da história*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de Milton Santos no exílio foi acompanhado de uma elaboração que o impulsionou a sair da condição de um intelectual periférico que tinha como marca os estudos regionais na Bahia, para a condição de um intelectual que pensava a periferia como elemento fundamental e transformador da totalidade do modo de produção capitalista.

Se é indiscutível a impossibilidade de um intelectual como Santos viver indiferente ao seu contexto, onde chega inclusive a conviver na França com as manifestações de 1968, decifrar os caminhos pelos quais o geógrafo percorre na elaboração de seu pensamento político é o grande

desafio. Entendemos como úteis a esse esforço os achados que vamos desvelando ao nos aprofundarmos em sua produção e em seus arquivos daquele período. Se *O Trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo* (1978) funciona como uma espécie de manifesto dentro da inquietude que o autor traz ao debate sobre o pensamento geográfico a respeito da análise do desenvolvimento do mundo periférico, é a partir do mergulho nos estudos urbanos que aparece em *O Espaço Dividido* que Milton Santos desenvolve as bases de sua compreensão sobre os mecanismos pelos quais o modo de produção capitalista se reproduz nos países subdesenvolvidos, sua especificidade, sua centralidade para a compreensão das modernizações e, dentro delas, das relações de dependência e subalternidade em um mundo que já começa a se esboçar "global". Por sua vez, a elaboração, em profundo diálogo com a teoria marxista, da categoria *formação socioespacial* assenta em definitivo a base teórica que permite naquele momento historicizar, com maior acuidade, o conjunto de trabalhos empíricos que foram frutos de sua pesquisa no exílio, entendendo que os países periféricos sobre os quais se debruçara eram também, ao contrário do que poderiam sugerir as importações teóricas eurocêntricas e mecanicistas, expressões da totalidade do capitalismo em seu processo de totalização. A periferia poderia assim, também ser colocada no centro, como um panóptico do tempo histórico que se apresentava.

Por outro lado, os estudos sobre a urbanização no Terceiro Mundo acompanhado da ideia de formações socioespaciais não foram apenas os elementos centrais para que as periferias do sistema estivessem integradas em seu movimento histórico no movimento do pensamento do geógrafo. Nas elaborações de Santos elas ajudaram a alicerçar, dentro de sua busca pela inserção do espaço - visto como instância da sociedade - no pensamento social, os principais pilares de sua disputa política, entendendo as periferias e a intelectualidade periférica como o centro dinâmico desta disputa. Após sua volta ao Brasil em 1977 e sua maior presença no debate público do país, tal centralidade começou a ganhar ainda mais evidência em suas produções, ajudando a estruturar sua teoria sobre a globalização associada à perspectiva da superação desse novo paradigma que se estabelecia no início do século.

Entendemos que tal movimento do pensamento político de Milton Santos nos permite observar o que existe em comum apesar da aparente descontinuidade, levando-se em conta que os estudos apontam que a ideia de centralidade da periferia propriamente dita não tenha sido apresentada antes de 2021 com o relevo que adquiriu posteriormente, quando foi assumida de maneira conclusiva e fundamental no exercício prospectivo do autor sobre o futuro do período histórico chamado de globalização. Bastante autocrítico, Milton Santos nota em diversos momentos de sua trajetória

movimentos de mudança e mesmo rupturas. No processo de separar-se do empirismo em um primeiro momento, do "terceiro-mundismo de outro jeito" aplicando as mesmas regras dos países centrais aos periféricos, em outro, ou no momento em que, para ele, a atividade acadêmica estaria mais apartada da cidadania ou do discurso político (Cf. SANTOS et. al. 2001, p. 111, 112), uma série de descontinuidades podem ser identificadas explicitamente e contribuir para uma reconstrução acurada da trajetória de seu pensamento político, afinal "a realidade aparece a cada dia sob um novo aspecto. Ora, desde que a realidade muda, a idéia, o 'teórico', devem mudar. O teórico deve seguir a evolução para não se ver diante de um impasse" (SANTOS, 1978, p. 23).

Mais de duas décadas após a publicação de obras nas quais Milton Santos buscava sínteses que permitissem acionar o resultado de sua ampla trajetória acadêmica e política para reforçar a necessidade emergente de outra perspectiva para o mundo globalizado, a abordagem que busca jogar luz em como as periferias ganharam centralidade em sua proposta é reveladora de um debate público fundamental e atual. Pensar na centralidade da periferia como *novo fator dinâmico da história* segue sendo um desafio para se afrontar no século XXI marcado pelo aprofundamento, especialmente em países centrais, das desigualdades, da precariedade e de características que foram marcas indelévels do desenvolvimento do capitalismo nas formações socioespaciais periféricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, Alvaro. O marxismo fora do lugar. **Política & Sociedade**, v. 9, p. 177-204, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Análise integrada do desenvolvimento. In: _____. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, p. 16-38. 1970.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

GRIMM, Flávia. Aspectos da produção teórica e da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.52, 2011a.

_____. **Trajетória epistemológica de Milton Santos**: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011b.

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. **Quinhentos anos de periferia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/Contraponto, 1999.

LEITE, Gabriel, TRINDADE JÚNIOR, Saint-Claire. Geografias do Sul: descentramento, transescalaridade e espacializações no pensamento miltoniano. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 76, p. 39-65, set./dez. 2020.

MACHADO, Thiago. Geografia e dependência: o diálogo entre Milton Santos e Ruy Mauro Marini a partir da teoria do subimperialismo. **GEOgraphia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 185-190, 2017.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista/O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003 [1975].

PEDROSA, Breno. O périplo do exílio de Milton Santos e a formação de sua rede de cooperação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.2, p. 429-448, abr.-jun. 2018.

KRIPKA, R. SCHELLER, M. BONOTTO, D. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**. Vol. 14, n°2, pp. 55-73, 2015.

SANTOS, Milton. **A cidade nos países subdesenvolvidos**, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

_____. Desenvolvimento econômico e urbanização em países subdesenvolvidos: os dois sistemas de fluxo da economia urbana e suas implicações espaciais. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 53, p. 35-59, fev. 1977a.

_____. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 54, p. 81-99, jun. 1977b.

_____. **O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. A totalidade do diabo. Como as formas geográficas difundem o capital e mudam as estruturas sociais. In: Santos, M. **Economia espacial**. Críticas e alternativas. São Paulo: Hucitec, p. 153-167, 1979 [1977].

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2002 [1978].

_____. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2013 [1978].

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. et al. **Território e sociedade**: entrevista com Milton Santos. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SERENI, Emílio. La categoría de "Formacion Economico-Social". In: LUPORINI, C.; SERENI, E. **El concepto de "formación económico-social"**. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente, 1976.

SILVEIRA, María. Laura. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana; Associação dos Geógrafos Brasileiros; **Ciência Geográfica**; XVII; 1; 1-2013; 63-70

SIMONI-SANTOS, César. Da marginalidade à segregação: contribuições de uma teoria urbana crítica. **Economía, sociedad y territorio**, Zinacantepec, v. 17, n. 55, p. 619-646, 2017.

SORÁ, Gustavo. Etnografia de arquivos e sociologia reflexiva: contribuições para a história social da edição no Brasil e na América Latina. **Fontes**, Guarulhos, n. 3, p. 15-28, 2015.

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)

O autor declara não haver conflitos de interesse.

Maurício Costa de Carvalho é geógrafo e mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.